



Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies
Brown University; University of Warwick; Universidad de los Andes
www.pessoaplural.com

2019 CC BY-SA 4.0



Editor-in-chief: Jerónimo Pizarro
Co-editors: Onésimo Almeida & Paulo de Medeiros
Special Issue Guest Editor: Corinne Fournier Kiss
Book Review Editor: Patricio Ferrari

Assistant to the Editors: Jennifer Currier
Associate Managing Editor: Carlos Pittella
Proofreader: Clara Cuéllar dos Santos
Cover artwork: Rui Pinto
Cover design: Jennifer Currier
Typeset in Palatino Linotype and Agency FB

For all inquiries, please contact:
Brown University, Department of Portuguese and Brazilian Studies
159 George St, Providence, RI – 02912
Tel. 401-863-3042
Fax 401-863-7261
POBS@brown.edu

Version of Record archived at the Brown Digital Repository (BDR)
https://repository.library.brown.edu/studio/collections/id_741/
ISSN: 2212-4179



Table of Contents

Issue 18, Fall 2020

(Fernando Pessoa: Originality and Cosmopolitanism)

Número 18, outono de 2020

(Fernando Pessoa: Originalidade e Cosmopolitismo)

[PART 1: SPECIAL ISSUE / NÚMERO ESPECIAL]

Originalidade e cosmopolitismo:.....1

A literatura mundial na obra e a partir da obra de Fernando Pessoa

[Originality and cosmopolitanism:

World literature in the work and from the work of Fernando Pessoa]

Corinne Fournier Kiss

[ARTICLES / ARTIGOS]

Alexander Search's immersion in English and American poets.....10

[A imersão de Alexander Search em poetas ingleses e americanos]

K. David Jackson

Michel de Montaigne em Fernando Pessoa?27

Uma hipótese de leitura a partir das menções a Francisco Sanches

[Michel de Montaigne in Fernando Pessoa?

A reading hypothesis based on references to Francisco Sanches]

Rui Sousa

De l'horloge à l'incendiaire: Traces de Baudelaire chez Pessoa105

[From the clock to the arsonist: Traces of Baudelaire in Pessoa]

Pascal Dethurens

Fernando Pessoa and the Russian world.....124

[Fernando Pessoa e o mundo russo]

Corinne Fournier Kiss

Pessoa *Tel Quel*, Pessoa *Personne*: Mutações do Pessoa de Leyla Perrone-Moisés166

[Pessoa *Tel Quel*, Pessoa *Personne*: Mutations of Leyla Perrone-Moisés' Pessoa]

Eduardo Jorge de Oliveira

L'intertextualità emozionale pessoana nell'opera di Antonio Tabucchi:.....185

Saudade e desassossego

[Pessoan emotional intertextuality in Antonio Tabucchi's work: *Saudade* and *disquiet*]

Corinne Fournier Kiss

[DOCUMENTS / DOCUMENTOS]

Álvaro de Campos, Diógenes e algumas considerações218

para aqueles que não aceitam

[Álvaro de Campos, *Diogène* et quelques considérations pour ceux qui n'acceptent pas]

[Álvaro de Campos, *Diogenes*, and some considerations for those who do not accept]

Corinne Fournier Kiss & Jerónimo Pizarro

[PART 2]

[ARTICLE / ARTIGO]

Não há sossego269

[There is no quiet]

José Martinho

Fernando Pessoa fez pela vida?330

[Did Fernando Pessoa make a living?]

António Mega Ferreira

Do "Dia Triunfal" ao *Orpheu*: ascensão e queda de Alberto Caeiro365

[From the "Triumphant Day" to *Orpheu*: Rise and fall of Alberto Caeiro]

Gianluca Miraglia

Herberto Helder e Fernando Pessoa: Comunidades diabólicas388

[Herberto Helder and Fernando Pessoa: Diabolic communities]

Ana Cristina Joaquim

Descobrimo o significado de números misteriosos nos cadernos409

de Fernando Pessoa

[Discovering the meaning of mysterious numbers in Fernando Pessoa's notebooks]

Rui Pinto

[DOCUMENTS / DOCUMENTOS]

- O jogo como problema na segunda metade de 1920 na interpretação**427
de Fernando Pessoa
[Gambling as a problem in the second half of 1920 in Fernando Pessoa's interpretation]
Rui Sousa
- A Pessoa por detrás da obra: Três documentários do Arquivo RTP**506
[A Person behind the work: Three documentaries from the RTP Archive]
Clara Cuéllar dos Santos
- My Pessoa: Uncovering "the others in me"**573
[O meu Pessoa: Descobrindo "os outros em mim"]
Scott Edward Anderson
- Marino, a tragedy, part I—Datable fragments and lists**593
[*Marino*, uma tragédia, parte I – Fragmentos datáveis e listas]
Carlos Pittella

[BOOK REVIEWS / CRÍTICAS]

- Notas para a recordação do meu mestre Fernando Pessoa**652
Resenha do livro de Francisco Peixoto Bourbon, *Evocando Fernando Pessoa*, 2016
Rui Sousa
- "Continuidade e inovação": O marinheiro lido por Thiago Bechara**659
Resenha do livro de Thiago Sogayar Bechara, *O marinheiro (de) Fernando Pessoa: Heranças clássicas no drama estático*, 2018
Flávio Rodrigo Penteado
- Armando Côrtes-Rodrigues: Vida, obra e alguns problemas**.....670
Resenha do livro de Anabela Almeida, *Armando Côrtes-Rodrigues, Vida e obra do poeta açoriano de Orpheu*, 2019
Arnaldo Saraiva
- A obra ideal, a obra real: O Pessoa que foi e a sua duração**681
Resenha do livro de Fernando Pessoa, *Mensagem e poemas publicados em vida*, edição de Luiz Fagundes Duarte, 2018
Jorge Uribe
- Das primeiras escolhas do lado ocidental**689
Resenha do livro de António M. Feijó, João R. Figueiredo & Miguel Tamen, *Cânone*, 2020
Rui Sousa

Originalidade e cosmopolitismo: A literatura mundial na obra e a partir da obra de Fernando Pessoa

Corinne Fournier Kiss*

Palavras-chave

Cosmopolitismo “centrípeto”, Cosmopolitismo “centrífugo”, Nacionalismo, Saudade, Desassossego, *Orpheu*, *Diogène*.

Resumo

Uma das originalidades mais notáveis de Pessoa é que era ao mesmo tempo nacionalista e cosmopolita. Embora tenha escolhido ser português, seu trilinguismo, suas viagens de juventude e sua imensa erudição o dotaram de excepcionais habilidades interculturais, que se expressaram tanto em seus projetos de tornar Lisboa num centro cultural europeu que substituísse Paris quanto na sua obra literária, que dialoga constantemente com obras da literatura mundial. Corolário: se Pessoa dedica muita atenção à saudade, emoção que desempenha um papel fundamental nos projetos de identificação cultural e nacional de Portugal na sua época, ele também desenvolve em suas obras uma “nova” emoção que poderíamos chamar de cosmopolita: o desassossego, que aparece nos projetos cosmopolitas e interculturais de Pessoa, e em particular, no movimento literário do sensacionismo.

Keywords

“Centripetal” cosmopolitanism, “Centrifugal” cosmopolitanism, Nationalism, *Saudade*, Disquiet, *Orpheu*, *Diogène*.

Abstract

One of the most original qualities of Pessoa is that he was at the same time a nationalist and a cosmopolitan. Although he chose to be Portuguese, his trilingualism, his youthful travels, and his immense erudition endowed him with exceptional intercultural skills, which expressed themselves both in his projects to transform Lisbon into a European cultural center meant to replace Paris, and in his literary work, which constantly engages in dialogues with works of world literature. As a corollary to this: If Pessoa devotes much attention to the *saudade*, an emotion of nostalgia that plays a fundamental role in Portugal’s cultural and national identification projects at his time, he also develops in his works a “new” emotion that we can call “cosmopolitan” — namely, the *desassossego* (disquiet), that seems to be intrinsic to Pessoa’s cosmopolitan and intercultural projects, and particularly to the literary movement of sensationism.

* Université de Berne, Département de langue et de littérature françaises.

O que se torna claro ao ler a obra literária e crítica de Pessoa é, para além das diferenças estilísticas devidas aos diferentes heterônimos, o seu pensamento naturalmente cosmopolita, ou, posto em termos mais contemporâneos, o seu pensamento intercultural ou mesmo transcultural. Este cosmopolitismo foi naturalmente favorecido, em primeiro lugar, pelo seu trilinguismo, depois pelas longas viagens da sua infância e adolescência (nomeadamente entre Portugal e a África do Sul) e, sobretudo, pela sua incrível erudição que acumulou com o tempo, como evidencia a importante biblioteca particular que deixou após a sua morte e que está no entanto longe de representar todos os livros lidos por Pessoa: o acervo contém 1.419 volumes escritos em 8 línguas, muitos dos quais possuem extensivamente anotações à mão de Pessoa, e abrangem os mais diversos assuntos (desde a literatura até às ciências naturais, passando por religião, geografia, história, filosofia, etc.). De qualquer maneira, Pessoa não pode ser entendido se não tivermos consciência da massa de leituras que fez e que o influenciaram, leituras pertencentes a todas as esferas culturais possíveis na Europa e fora dela, e que se manifestam em todo o seu corpo de escrita, seja de uma maneira óbvia (através de referências claras) ou de maneira mais sutil.

A palavra “cosmopolita” é, aliás, uma palavra recorrente nos textos teóricos de Pessoa. A dialética entre nacionalismo e cosmopolitismo preocupou-o muito, e ele não deixou de voltar a ela e de refiná-la, seja sob a pena do ortônimo ou dos heterônimos. Num texto teórico escrito entre 1912-1915, por exemplo, ele enumera três tipos de nacionalismo. Dois tipos são formas inferiores e pouco interessantes de nacionalismo, isto é: o nacionalismo tradicionalista, que se agarra com firmeza às tradições nacionais e é incapaz de se adaptar às novas condições da civilização, e o nacionalismo integral, para quem o mais importante é dar expressão ao espírito da sua nação. O único nacionalismo válido aos olhos de Pessoa é o que ele chama cosmopolita e está apto a incorporar elementos de outras nacionalidades nas características nacionais e fazê-los coexistir harmoniosamente. Camões, Shakespeare e Goethe foram, em certa medida, representantes deste nacionalismo cosmopolita. No entanto, Pessoa faz-nos compreender que o mais alto grau deste nacionalismo é ou será encarnado por si mesmo (cf. PESSOA, 1993: 312-313).

Paradoxalmente, a necessidade de dar forma a este cosmopolitismo é expressa por Pessoa ao mesmo tempo que decide não viajar mais. Escreve ao seu amigo Armando Côrtes-Rodrigues em janeiro 1915: “Alguns anos andei viajando a colher maneiras-de-sentir. Agora, tendo visto tudo e sentido tudo, tenho o dever de me fechar em casa no meu espírito e trabalhar, quanto possa e em tudo quanto possa, para o progresso da civilização e o alargamento da consciência da humanidade” (PESSOA, 1998: 142).

Os projetos cosmopolitas de Pessoa

Uma vez estabelecido em Lisboa, depois de toda uma infância passada na África do Sul, Pessoa começou a desenvolver grandes ambições culturais e interculturais, tanto para o seu país, quanto para a capital Lisboa. Como atestam os seus projetos de periódicos a partir de 1909, Pessoa queria transformar Lisboa num centro cultural europeu que rivalizasse ou substituísse Paris. Se não sai da cidade, é também porque não vê a necessidade disso. Lisboa é chamada, numa dialética oscilante do centrípeto para o centrífugo, a tornar-se a cidade cosmopolita por excelência: a reunir, por um lado, todas as ideias e tendências do mundo inteiro e, por outro, a brilhar, espalhando-se pelo mundo inteiro. Lisboa é destinada a romper com as suas fronteiras provincianas, ultrapassando-as e ao mesmo tempo, abraçando todas as fronteiras do mundo.

Entre seus projetos de publicações internacionais que nunca foram concluídos, havia por exemplo uma revista com o título *Europa* que tinha como mote: “O que é preciso ter é, além de cultura, uma noção do meio internacional, de não ter a alma (ainda que obscuramente) limitada pela nacionalidade [...]. É preciso ter a alma na Europa” (PESSOA, 2009: 29). Esta revista deveria ter tido duas finalidades: por um lado, publicar obras portuguesas suscetíveis a valorizar os seus autores na Europa e traduzi-las para múltiplas línguas (principalmente francês e inglês). Por outro lado, esta revista também deveria ser usada para publicar o melhor que estava disponível no estrangeiro. Pessoa desejava inundar o meio intelectual português com novas ideias de outros lugares, confraternizar com as correntes intelectuais externas e deixar-se fertilizar por elas, mas também ao mesmo tempo familiarizar o resto do mundo com as obras culturais portuguesas; ele desejava europeizar Portugal, mas também propagar algum ar português pela Europa. Pessoa, de fato, tinha a ambição de desenvolver todo um programa de educação cosmopolita no país: planejava bibliotecas com obras estrangeiras (chamadas “Biblioteca da Europa”, “Biblioteca de Cultura Cosmopolita”), imaginava também uma editora chamada *Cosmópolis*, que publicaria obras de toda a Europa e existiria em várias línguas, de modo que as obras pudessem ser divulgadas fora das fronteiras de Portugal.

Esses projetos de periódicos internacionais culminaram num periódico que desta vez não permaneceu no estado do projeto como as revistas anteriores, mas assumiu a forma concreta da revista *Orpheu* em 1915 – mesmo que, ao final, apenas dois números tenham sido publicados. O seu amigo Mário de Sá-Carneiro, que fundou a revista com Pessoa, deixou Lisboa para viver em Paris e, assim, observar a vanguarda francesa mais de perto. Seu papel teria sido também o de difundir *Orpheu* em Paris com o material (resumos e traduções) que Pessoa preparou, mas ele cometeu suicídio antes que essa divulgação pudesse ser realizada. Eis como Pessoa definiu esta revista:

A REVISTA PORTUGUEZA “Orpheu”, cujo primeiro numero apareceu agora, traz consigo o extraordinário interesse de fixar definitivamente uma corrente literaria que de ha pouco se vem esboçando em Portugal [...]. Nunca em Portugal tinha aparecido uma corrente literaria que mostrasse originalidade, não relativa, senão absoluta; isto é, que *excedesse* as correntes literarias contemporâneas dos outros paizes. Tem havido, é certo, grandes figuras na literatura de Portugal. Mas o mais que ellas teem feito é realisar, com maior o menor intensidade ou originalidade, arte *integrada* nas correntes europêas da sua epoca. Camões, por exemplo, que é um grande poeta, e, é claro, um poeta original, não trouxe nada de fundamentalmente novo para a literatura da Renascença, onde o seu genio estava *integrado*; apenas com originalidade e intensidade fez uma epopeia nacional em que nenhum elemento *ultrapassava* os elementos da esthetica do tempo [...]. Mas o certo é que, desta vez, aparece em Portugal uma corrente literaria que não só *engloba* todas as correntes do tempo – o que já seria uma cousa grande, e em Portugal uma cousa nova –, mas as *excede* e se apresenta com um caracter absolutamente novo, em relação a qualquer outra corrente ou obra, dentro ou fóra dos eu paiz de origem.

(PESSOA, 2009: 46-47)

As palavras “exceder”, “integrar”, “ultrapassar”, “englobar” (aqui grifadas em itálico pela autora do artigo) salientam muito bem essa característica de todos os projetos de Pessoa naquela época, ou seja, a dialética centrípeta e centrífuga, que toma e redistribui em simultâneo, e que idealmente deveria ser a arte portuguesa na opinião de Pessoa. Em um outro trecho, alega que a revista é “a única ponte entre Portugal e a Europa” e que “ORPHEU é todas as literaturas” (PESSOA, 2009: 70). Dito em outras palavras, a tarefa de *Orpheu* é “criar uma arte cosmopolita no tempo e no espaço”, uma arte “maximamente desnacionalizada” que acumula “dentro de si todas as partes do mundo” (PESSOA, 2009: 76). Esta arte, Pessoa chama “o sensacionismo”.

Este esforço, segundo Pessoa, seria novo e original, porque até aquele momento Portugal produziu e queria produzir apenas literatura portuguesa. No entanto esse esforço é completamente realista, porque *Orpheu* iria de fato realizar o verdadeiro potencial de Portugal, encarnaria o seu real espírito e temperamento. Para Pessoa, a disposição portuguesa é, no fundo, uma disposição cosmopolita e universal:

The Portuguese Sensationists are original and interesting because, being strictly Portuguese, they are cosmopolitan and universal. The one great act of Portuguese history —that long, cautious, scientific period of the discoveries— is the one great cosmopolitan act in history [...]. An original, typically Portuguese literature cannot be Portuguese, because the typical Portuguese are never Portuguese.

(PESSOA, 2009: 218)

[Os sensacionistas portugueses são originais e interessantes porque, sendo estritamente portugueses, são cosmopolitas e universais. O único grande ato da história portuguesa – aquele longo, cauteloso e científico periodo das descobertas – é o único grande ato cosmopolita da história [...]. Uma literatura original, tipicamente portuguesa não pode ser portuguesa, porque os portugueses típicos nunca são portugueses].

Esta frase que Pessoa utiliza para qualificar a arte da qual *Orpheu* deveria ser o porta-voz, dá de fato uma excelente definição da própria obra do poeta português. A sua obra é cosmopolita no sentido de estar em permanente interação com fragmentos de outros textos da literatura europeia ou americana, os quais ela integra e recicla à sua maneira; mas, também, é cosmopolita no sentido de entrar constantemente em diálogo com textos de autores de origem não portuguesa produzidos depois dela, que colabora na sua fabricação e contribui com a sua tecelagem.¹

Apresentação dos artigos – o cosmopolitismo “centrípeto”, o cosmopolitismo “centrífugo” e o desassossego como emoção cosmopolita

Os primeiros artigos que se seguem tentam explorar os ecos das imensas leituras de Pessoa na sua obra – especificamente, do poeta Baudelaire, dos filósofos Montaigne e Sanches, dos românticos ingleses e americanos, dos românticos e realistas russos. Os segundos apresentam alguns ecos da obra de Pessoa na literatura mundial – em particular, na crítica literária brasileira Leyla Perrone-Moisés e no escritor italiano Antonio Tabucchi. Esta coleção de artigos em si formam um ramo intercultural não só através da identificação e análises de intertextos provenientes de diferentes culturas, mas também através da variedade de línguas em que estão escritos (português, inglês, francês, italiano) e a variedade das origens dos seus autores (suíça, brasileira, americana, portuguesa, francesa).

1. O cosmopolitismo “centrípeto”

O artigo de **Kenneth David Jackson**, “Imersão de Alexander Search’s em Poetas Ingleses e Americanos”, explora os primeiros mestres de Pessoa por meio da produção poética de Alexander Search, pré-heterônimo fortemente influenciado por poetas americanos e ingleses. Jackson sublinha a importância desta poesia escrita em inglês para o conjunto da produção poética de Pessoa, pois conteria, em estado embrionário, todos os temas que encontrarão o seu pleno desenvolvimento na poesia portuguesa pessoana. A tese de Jackson é que Search, embora pareça imitar com bastante fidelidade os Coleridge, Shelley, Byron ou Tennyson, se apropria da poesia romântica para construí-la progressivamente em um “gênero adverso”: enquanto segue fielmente as convenções estilísticas românticas (ritmos, sonoridades, etc.), aos poucos ele transforma as emoções românticas da exaltação do eu em um profundo questionamento existencial tingido de inquietação e ceticismo.

¹ “Texto” vem da palavra latina *textus*, “tecido”: um texto é um tecido, uma tecelagem – cujos fios são as palavras.

Rui Sousa, em “Michel de Montaigne em Fernando Pessoa? Uma hipótese de leitura a partir das menções a Francisco Sanches”, analisa, sob várias perspectivas, uma das fontes fundamentais que alimentaram o cepticismo inquieto de Pessoa: a da tradição do pensamento livre que remonta ao século XVII. Uma primeira pista é dada pelas obras de John M. Robertson e John B. Bury, *A Short History of Freethought* respetivamente *A History of Freedom of Thought*, que ainda hoje se encontram em sua biblioteca particular, e que traçam a evolução e o impacto do pensamento livre na formação da cultura ocidental. Uma segunda pista é aquela da influência de livre pensadores sobre intelectuais que Pessoa apreciava muito (por exemplo Shakespeare). Uma terceira pista é apresentada com os próprios textos de reconhecidos pensadores livres lidos por Pessoa, ou seja, os *Essais* do francês Michel de Montaigne e *Quod Nihil Scitur* do português Francisco Sanches, livros que manipulam a ironia de maneira brilhante. Todas essas vozes mostram a Pessoa o caminho para “desconhecer-se conscientemente”. Embora estando ciente de que a verdade nunca pode ser alcançada, a questão é permanecer numa busca desassossegada pelo conhecimento.

Para **Pascal Dethurens** no seu estudo “Do relógio ao incendiário: Vestígios de Baudelaire em Pessoa”, Baudelaire seria uma das figuras da literatura francesa que teria deixado mais vestígios na obra de Pessoa. O próprio Pessoa reconhece que a estética do poeta francês desempenhou um certo papel na sua elaboração e teorização do sensacionismo. Quanto à sua obra poética, é habitada por muitos motivos que também foram fundamentais para Baudelaire, e que foram tratados de forma muito semelhante: a cidade (estranha e inquietante), a janela (que marca as fronteiras), a chuva (que expressa a queda), o relógio (que marca a morte uma após a outra), as aves (que não voam). O que partilham acima de tudo é a sua consciência de uma escrita incapaz de substituir o que não é suficiente na vida; onde se encontram acima de tudo é na expressão de um frenesi de fracasso, de uma raiva de destruir e decair, de uma negatividade suprema – que toma a forma, no primeiro, do *spleen*, e no segundo, do *desassossego*.

Embora Pessoa exibisse abertamente influências do mundo de língua francesa e inglesa, parece ter demonstrado muito pouco interesse pelo mundo russo, cuja língua não compreendia. **Corinne Fournier Kiss**, no seu artigo “Fernando Pessoa e o mundo russo”, consegue, contudo, mostrar que o poeta português conhecia melhor esta literatura e cultura do que aparenta à primeira vista. Para além de Pessoa possuir na sua biblioteca particular uma série de obras de literatura russa traduzidas, as análises de Fournier Kiss atestam que existem semelhanças entre as peças teatrais de Tchekhov e Pessoa que estão longe de ser acidentais, e que os cadernos de notas de Pessoa contêm os nomes de vários autores e políticos russos, principalmente em relação aos seus projetos críticos sobre o génio e a loucura e sobre o bolchevismo e Lenin. Se esses projetos não se concretizaram, poderia ser porque a política russa contemporânea, com as suas revoluções e a queda do czarismo, e

também a complexidade psicológica da alma russa, tal como foi expressa na literatura do século XIX e início do século XX e tal como foi comentada pelos críticos europeus lidos por Pessoa, tocaram num ponto sensível que, por razões pessoais e nacionais, ele preferiu reprimir.

2. O cosmopolitismo “centrífugo”

Lugar de reunião de muitos intertextos da literatura mundial, a obra de Pessoa desempenha também o papel de lugar de distribuição de muitos intertextos.

Eduardo Jorge de Oliveira em “Pessoa *Tel Quel*, Pessoa *Personne*. Mutações do Pessoa de Leyla Perrone-Moisés” analisa um intertexto pessoano que serve de base para o metatexto (na terminologia de Genette) da crítica brasileira Leyla Perrone-Moisés. De fato, a autora nunca deixou de recorrer aos textos de Pessoa para refinar as suas análises críticas, com um ponto constante: ela apreende o poeta na sua spectralidade em todos os sentidos desta palavra. Espectro, porque levava uma vida discreta numa cidade em plena decadência à margem da Europa; espectro, porque não parece ter seu lugar no modelo canónico da literatura ocidental (ela aqui joga com o significado da palavra “pessoa” em francês, que significa tanto “alguém” como “ninguém”); espectro, porque a roda de heterónimos pelos quais passa fá-lo usar as mais diversas máscaras (*persona*) e não sabemos verdadeiramente se tem uma cara própria (poeta-fingidor); espectro, porque o autor transforma a sua vida em literatura (“a literatura é a forma mais agradável de ignorar a vida”); mas sobretudo espectro, porque continua a assombrar a literatura contemporânea, tem ainda hoje algo a dizer, podendo ser interpretado com o mais diversos métodos de leitura.

Se existe uma obra literária não portuguesa realmente assombrada por Pessoa, é a do escritor italiano Antonio Tabucchi: ele próprio disse repetidamente o quanto Pessoa marcou a sua escrita. No ensaio “A intertextualidade emocional pessoana na obra de Antonio Tabucchi”, **Corinne Fournier Kiss** destaca um modo particular de Tabucchi brincar com os textos de Pessoa e valorizá-los: não se contenta em referir-se a eles e citar algumas das suas linhas, mas sujeita as suas personagens às mesmas experiências emocionais que Pessoa fez passar o seus “eus líricos”, nomeadamente os faz sentir às vezes *saudade*, às vezes *desassossego* (palavras cuidadosamente definidas pela autora do artigo). Essa intertextualidade chamada aqui “emocional” torna-se mais óbvia quando Tabucchi, a fim de fazer justiça a todas as conotações culturais e traços semânticos destas emoções, tenta, na medida do possível, não os traduzir. Isto é fácil para a “saudade”, sentimento que sempre foi considerado intraduzível por ser um sentimento tipicamente português, mas menos para o “desassossego”, palavra que foi traduzida para outras línguas de mil e uma maneiras. Tabucchi resolve o problema escrevendo um hipertexto do *Livro do desassossego*, intitulado *Requiem*, em português.

3. O desassossego: uma emoção cosmopolita?

Este último artigo dá plena voz ao que estava essencialmente implícito em todos os outros, revela um fio comum que percorre todos os artigos de uma forma mais ou menos discreta e insistente – a saber que a intertextualidade realçada por todas estas análises está frequentemente relacionada às emoções dolorosas e inquietantes. O que Pessoa foi receptivo na sua abertura a textos de outras literaturas, o que deles tomou emprestado, e depois o que ele próprio conseguiu transmitir a outros textos da literatura mundial, não são apenas um estilo ou uma temática, mas também, no caso específico dos nossos artigos, as emoções ligadas a uma experiência negativa de falta. A sua leitura de textos românticos americanos e ingleses leva ao aprofundamento de uma ansiedade existencial através do seu heterônimo Alexander Search; o que ele tira da sua leitura de pensadores livres como Montaigne ou Sanches é um cepticismo preocupado; a atração do *spleen* baudelairiano pelo abismo o fascina; a complexidade psicológica, quase psicótica, dos escritores russos tanto o assusta quanto o afeta. Todas estas emoções inquietas e perturbadoras que ele recupera da literatura mundial permitem-lhe, por sua vez, elaborar uma nova emoção de intranquilidade, com as suas próprias conotações: o “desassossego”, que de acordo com a sua etimologia, refere-se a um pôr-se em movimento (a impossibilidade de “permanecer sentado”, *sessus*) – movimento frequentemente devido em Pessoa à percepção de vibrações.

Mas se Pessoa recupera muita intranquilidade em textos anteriores ao seu próprio, também a dissemina em textos posteriores. A emoção do desassossego inaugurada por Pessoa não passa despercebida no mundo literário. A espectralidade de Pessoa evocada por Perrone-Moisés insiste precisamente sobre este estado do sujeito desassossegado num movimento oscilante da dissolução à construção, da “personne” (pessoa) à “personne” (ninguém), do “nom” (nome) à “non” (não). Tabucchi, por outro lado, usa o termo tal como está num texto que escreve em português, e o usa para designar o estado de excitação de uma personagem que perdeu toda a noção de fronteiras espaciais e temporais, e que se prepara para encontrar uma pessoa já falecida que não é outra senão Pessoa.

O desassossego, conceito emocional que atesta o cosmopolitismo de Pessoa, poderia também ser ou ter sido a emoção cosmopolita por excelência: ao contrário da saudade, emoção que desempenha um papel fundamental nos projetos de identificação cultural e nacional de Portugal na época de Pessoa, o desassossego aparece como a emoção dos projetos cosmopolitas, interculturais e transculturais de Pessoa, e em particular, do movimento literário do sensacionismo. Uma emoção experimentada quando se sente “de todas as maneiras”, quando as fronteiras se desvanecem e nada mais parece manter-se unido de forma monolítica, quando tudo se sobrepõe e se cruza para dar origem a paisagens “interseccionistas”, a tradições

culturais em diálogo e em movimento, e a identidades que se constroem constantemente a partir de novas relações.

Apresentação da revista *Diogène* – um cosmopolitismo governado por uma “engenharia mental”

A segunda parte deste número especial é dedicada à revista *Diogène*, um projeto que devia ter sido muito caro a Pessoa, se quisermos acreditar nos termos em que ele o apresenta ao seu amigo Francisco Fernandes Lopes – a única pessoa a quem parece ter confiado (de acordo com os registos escritos preservados) este “rigoroso segredo”. A revista nunca veio à luz, mas permanecem fragmentos do projeto, a maioria dos quais são aqui publicados pela primeira vez pelos cuidados de **Corinne Fournier Kiss** e de **Jerónimo Pizarro**. O objetivo desta revista teria sido, em primeira instância, mostrar a irreverência do intelectual português avesso aos ídolos europeus (especialmente os chefes de Estado), que acreditam praticar um generoso cosmopolitismo quando são apenas retóricos vazios sem planos de ação eficientes; e, em segunda instância, propagar um verdadeiro cosmopolitismo, sob os auspícios do inventor da palavra *κοσμοπολιτισμός*, o filósofo cínico Diógenes – um cosmopolitismo que seria “um pensamento, uma atitude intelectual universal”, mas que “só de Portugal poderia ser partido”. Os escritos de Pessoa sobre *Orpheu* já o tinham revelado: os portugueses, descobridores da terra e do mar, têm uma vocação inata para o universalismo e o cosmopolitismo. Os fragmentos de *Diogène* à nossa disposição – visivelmente escritos, como Fournier Kiss e Pizarro tentam demonstrar, pelo heterônimo sensacionista e engenheiro Álvaro de Campos – sugerem também um alargamento do significado da palavra cosmopolitismo, tendo em conta o estado do progresso científico no início do século XX. Tudo nos leva a crer que este novo cosmopolitismo teria tido como novo suporte a “máquina como coordenação” e a “engenharia mental”.

Bibliografia

- PESSOA, Fernando (2009). *Sensacionismo e outros ismos*. Edição crítica de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa de Moeda.
- ____ (1998). *Correspondência 1905-1922*. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim.
- ____ (1993). *Pessoa inédito*. Coordenação de Teresa Rita Lopes. Lisboa: Livros Horizonte.